

**POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DO SAMBA NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: DIVERSIFICANDO CONTEÚDOS NA PERSPECTIVA
INCLUSIVA**

**PEDAGOGICAL POTENTIALITIES OF SAMBA IN SCHOOL PHYSICAL
EDUCATION: DIVERSIFYING CONTENT FROM AN INCLUSIVE
PERSPECTIVE**

**POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DE LA SAMBA EN LA EDUCACIÓN
FÍSICA ESCOLAR: DIVERSIFICACIÓN DE CONTENIDOS DESDE UNA
PERSPECTIVA INCLUSIVA**

Luziangela de Carvalho Barbosa¹
Michele Pereira de Souza da Fonseca²

Resumo: Este relato objetiva socializar as experiências oportunizadas pelo projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva, com a turma do 9º ano, no 2º bimestre de 2022, a qual trabalhamos o conteúdo danças e tematizamos o samba. A partir de um referencial teórico que discute sobre inclusão e diferenças, o artigo apresenta reflexões que evidenciam a potência da educação física escolar em tematizar conteúdos contra-hegemônicos na direção de uma perspectiva inclusiva.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Inclusão, Antirracismo, Samba.

Abstract: This report aims to share the experiences made possible by the school Physical Education extension project in an inclusive perspective, with the 9th grade class, in the 2nd bimester of 2022, in which we work on dance content and theme samba. Based on a theoretical framework that discusses inclusion and differences, the article presents reflections that show the power of school physical education in thematizing counter-hegemonic contents towards an inclusive perspective

Keywords: School Physical Education, Inclusion, Anti-racism, Samba.

Resumen: Este informe tiene como objetivo compartir las experiencias que viabilizó el proyecto de extensión de Educación Física escolar desde una perspectiva inclusiva, con la clase de 9º grado, en el 2º bimestre de 2022, en el que trabajamos contenidos de danza y tema samba. A partir de un marco teórico que discute la inclusión y las

¹Graduanda de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ). Integrante do LEPIDEFE - Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (EEFD-UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0743-4077> E-mail: luziangelacarvalhox@gmail.com

²Doutora em Educação (PPGE/UFRJ), Mestre em Educação (PPGE/UFRJ), Licenciada em Educação Física (EEFD/UFRJ). Professora associada 1 da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ). Coordenadora de Extensão da EEFD/UFRJ. Fundadora e Coordenadora do LEPIDEFE - Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar (EEFD-UFRJ). Coordenadora da Pós-Graduação gratuita em Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (UFRJ). Coordenadora adjunta do Comitê Científico GTT Inclusão e Diferenças do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0355-2524>. E-mail: michelefonseca@eefd.ufrj.br

diferencias, el artículo presenta reflexiones que muestran el poder de la educación física escolar en la tematización de contenidos contrahegemónicos hacia una perspectiva inclusiva.

Palabras clave: Educación Física escolar, Inclusión, Antirracismo, Samba.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física carrega em sua trajetória histórica muitas influências militaristas que resultou numa ênfase biologicista, esportivizante e na aptidão física (CASTELLANI FILHO, 1988). Na contramão desse cenário, o PEFEPI (Projeto de Extensão Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva) constrói coletivamente práticas pedagógicas embasadas no conceito de inclusão de modo amplo, processual, dialético e infundável que busca minimizar toda e qualquer forma de exclusão presente no ambiente escolar, e assim, possibilitar a participação efetiva de todos/as. (SAWAIA, 2017; BOOTH; AINSCOW, 2012; SANTOS; FONSECA; MELO, 2009).

O PEFEPI objetiva proporcionar colaborativamente ações mais inclusivas nas aulas de Educação Física, buscando ampliar a participação de todas/os, e é uma das ações do LEPIDEFE (Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre Inclusão e Diferenças na Educação Física Escolar), vinculado à EEFD (Escola de Educação Física e Desportos) da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Apresentaremos aqui um relato de experiência, que objetiva socializar as experiências oportunizadas pelo projeto com o bloco de conteúdo danças, apresentando a primeira parte das aulas destinadas a tematizar o samba.

O PEFEPI se apoia em duas estratégias pedagógicas inclusivas como forma de alcançar mais estudantes e ampliar a participação nas aulas: a diversificação de conteúdos e o ensino colaborativo, conforme abordado em Amorim; Fonseca; Brito (2022); Fonseca; Peres; Ludovino (2022), Caloeiro; Coelho; Fonseca (2021), Fonseca, et al (2021) e Fonseca; Ramos (2017).

Através da diversificação de conteúdos, buscamos construir múltiplas experiências com os/as estudantes trabalhando todos os elementos da cultura corporal: esporte, danças, lutas, ginásticas, jogos e brincadeiras considerando suas variações e desdobramentos. Assim, vislumbramos alcançar mais estudantes, possibilitando variadas formas de expressão, pois a diversificação de conteúdos se dá também ao diversificar as abordagens, metodologias e avaliações, nos distanciando de práticas que

ênfatem a reprodução mecânica e padronização dos movimentos, sem qualquer reflexão e contextualização com a realidade dos estudantes.

O ensino colaborativo é considerado como uma das ações do Atendimento Educacional Especializado direcionado para o público-alvo da Educação Especial e acontece pela parceria da professora regente e outra especializada em Educação Especial (VILARONGA; MENDES, 2017). No PEFEPI, nos inspiramos nessa ideia e a realizamos através da relação dialética e horizontal construída entre os/as extensionistas atuantes no projeto de extensão (a coordenadora do projeto, a professora regente e professores/as em formação), objetivando atender a todas/os estudantes promovendo ações que considerem as especificidades de cada uma/um.

Essas estratégias vão ao encontro da perspectiva inclusiva ampla e dialética, em que buscamos minimizar as exclusões de qualquer ordem, valorizando as diferenças e minimizando as barreiras que existam. Com inspirações freireanas, por meio de construção coletiva e não hierarquizada, construímos colaborativamente o planejamento das aulas, pensamos juntos/as formas de avaliação e as abordagens a serem utilizadas em cada conteúdo. Assim, os/as professores/as em formação vão exercitando a docência em diferentes aspectos e construindo esse pertencimento enquanto professor/a no chão da escola, tendo total autonomia e protagonismo.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este é um relato de experiência que, a partir da pesquisa-ação (THIOLENT, 2011) que metodologicamente embasa as ações do projeto, tematizou o samba com a turma do 9º ano, no 2º bimestre de 2022. Apresentaremos apenas uma parte da primeira aula. Fizemos uso das anotações do diário de campo da extensionista, e também da observação participante que auxiliou a compreender e interpretar os acontecimentos nas aulas, as problematizações e reflexões que emergiram desta experiência vivenciada.

3 RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Entendendo a potencialidade do samba, começamos no bloco danças com este conteúdo, a qual a maioria dos estudantes não compreendeu ser parte da educação física escolar, criando uma resistência que dificultou inicialmente a abordagem das problemáticas sociais e históricas do conteúdo. Vimos sorrisos se fecharem, principalmente quando revelamos que a aula começaria em sala.

Estudante A disse: “Não acredito que a aula será em sala, já tenho cinco aulas em sala, professora, vamos para a quadra!” (trecho do Diário de campo)

Após isso, perguntamos se eles conheciam o samba, se sabiam a origem, se já haviam desfilado e/ou visto desfiles de carnaval.

“O samba surgiu nas ruas.”; “Os negros que criaram”; “Parece com os batuques dos macumbeiros” (trecho do Diário de campo)

Foi necessário fazermos uma intervenção pedagógica mediante a fala do último estudante, que ao reproduzir um preconceito presente em nossa sociedade, salienta a intolerância com as religiões de matrizes africanas. Explicamos que macumba é um instrumento musical de percussão de origem africana e porque sua fala estava carregada de preconceito. Afirmamos que muitas vezes o samba dialoga com as religiões de matrizes africanas devido a suas raízes históricas, porém não necessariamente estará sempre atrelado a elas.

Conversamos sobre como as escolas de samba assumem um papel como porta-vozes de povos silenciados que podem ser contextualizadas, para que a turma percebesse que na escola há uma pluralidade com culturas, singularidades, histórias, experiências e religiões diversas que precisam ser respeitadas. Embasadas no que preconiza a lei 11.645 (BRASIL, 2008), ao valorizar a história e culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas, potencializamos culturas que são subalternizadas historicamente, assim propondo uma educação antirracista. O samba vai ao encontro de tratar destas questões, ao inquietar os/as estudantes através de toda a sua luta e a resistência de manter-se enquanto gênero musical em um país construído sob uma estrutura racista (ALMEIDA, 2019).

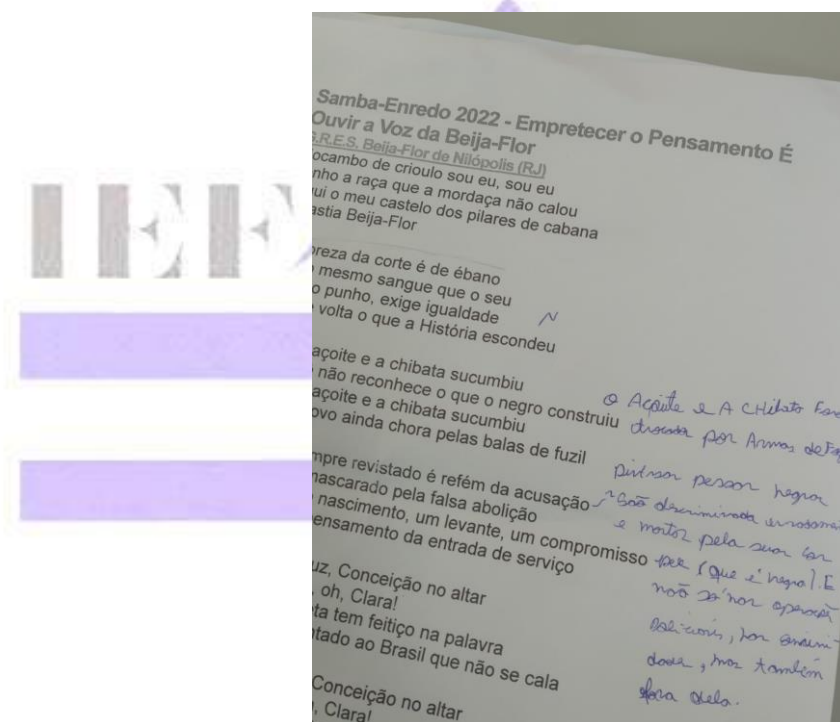
Ainda que conheçam o samba, não conheciam de fato a sua origem. Através das falas que emergiram, realizamos um debate apresentando a contribuição da população afro-brasileira para o surgimento do samba e sua manutenção, a marginalização do mesmo justamente por advir desta população, o embranquecimento que o samba enfrentou, como também a lei da vadiagem que perseguiu/puniu os capoeiristas e aqueles que carregavam algum instrumento musical pelas ruas. Adentramos também no protagonismo feminino no samba, falando da grande personalidade Dona Ivone Lara.

Após um longo debate, realizamos uma dinâmica a qual pedimos que a turma se dividisse em grupos com máximo de 5 participantes com autonomia para que se

organizassem à sua maneira. Levamos dois sambas enredos, “História para ninar gente grande” de 2019 da G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira e “Empretercer o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor” de 2022 da G.R.E.S Beija-Flor de Nilópolis, como também o samba da Dona Ivone Lara “Lamento do Negro”. Tínhamos as letras impressas e as distribuímos entre os grupos, de maneira que cada grupo tinha à mão uma das três letras.

Pedimos que fizessem a leitura de sua letra, e com o auxílio de papel e caneca, juntos/as marcassem palavras ou frases que se aproximassem de sua realidade ou que não soubessem o significado. Também pedimos que pensassem como aquela letra atravessava o nosso presente e sua vida cotidiana. Não foi de imediato que as reflexões vieram, foi um processo, sendo necessário inquietá-los durante um tempo, e até mesmo trazer artistas de sua época e de sua apreciação que dialogassem com a denúncia que aquelas letras de samba levadas por nós evidenciavam. Por exemplo, citamos o Mc Cabelinho que relata em suas letras a indignação de ser pobre, preto e periférico em um mundo capitalista e racista. A princípio não compreenderam as críticas sociais presentes nos sambas e não se reconheceram enquanto pessoas negras.

Figura 1: A letra do samba com as anotações do grupo



Fonte: Acervo das autoras

Figura 2: estudantes debatendo os sambas



Fonte: Acervo das autoras

A anotação na figura 1 foi tecida de inconformismo e revolta pela violência direcionada à população negra em que o estudante escreveu “o açoite e a chibata foram trocados por armas de fogo, diversas pessoas negras são discriminadas erradamente, e mortas por sua cor de pele (que é negra). E não só nas operações policiais, nas comunidades, mas também fora dela”, se referindo a uma estrofe do samba da G.R.E. S Beija-Flor de Nilópolis, que esmiúça como os resquícios escravocratas perduram em nossa contemporaneidade.

Quando esse estudante compartilhou sua escrita para a turma, na roda de socialização das estrofes, ele enfatizava “a nossa cor negra” passando os dedos sobre seu braço, com uma certeza, que a pele dele é negra, e que ele é um alvo constante para a sociedade. Esse foi o único estudante negro que demonstrou se reconhecer como uma pessoa negra. Um outro estudante durante a da roda de socialização das estrofes disse:

Estudante B: “sou branco, professora, acho que não tenho direito de falar sobre esse assunto.” (trecho do Diário de campo)

Indiretamente esse estudante levantou um conceito que está em disputa na contemporaneidade, “lugar de fala”, atualmente há um extenso debate sobre e nós conversamos que a luta contra o racismo e qualquer outro preconceito é de todos os cidadãos que constituem a sociedade, independente de sua cor ou classe social. Não podemos nos desarticular e deixarmos que somente os negros lutem por uma pauta que é de todos/as. E assim, ele novamente contribuiu com uma fala:

Estudante B: “eu não sofro racismo, justamente por ser branco, mas eu sofro preconceito por ser de comunidade, por ser pobre.” (trecho do Diário de campo)

Estudante C: “professora, o trecho “tem mais invasão que descobrimento”, se referindo a estrofe do samba da Mangueira. Vejo essa invasão da letra do samba acontecer nos morros” (trecho do Diário de campo)

O que aproxima essas duas falas e nos inquietou ao ponto de registramos no diário de campo, é o fato dos/as estudantes perceberem a violação de seus direitos inalienáveis enquanto cidadãos através do artefato de poder, coerção e opressão: a polícia militar carioca, que através da necropolítica (MBEMBE, 2018), leva o terror para as comunidades.

É urgente, portanto, contribuir para alguns resgates. Resgatar a história, pois há muitos heróis que não estão nos livros didáticos ou foram embranquecidos como uma forma de legitimar seus feitos. Resgatar a ancestralidade, pois através dessa experiência no chão da escola, percebemos que os/as estudantes não sabem suas origens. Resgatar a identidade, pois muitos/as estudantes não se reconhecem como jovens negros/as, seja pela pauta do colorismo que na contemporaneidade está em disputa e acaba nos desarticulando, seja por negar tudo que se atrela à negritude porque historicamente o negro não foi considerado belo, o racismo nos tirou até o direito da beleza. Em consequência disso, é urgente resgatar a autoestima dos/as estudantes que ao negarem sua negritude negam a si mesmo, negam a sua beleza e recorrem a se espelhar em personagens, ídolos e figuras brancas de forma distorcida buscando o embranquecimento para a aceitação.

Como nos diz Lélia Gonzalez (1982, p. 4) “estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro, do índio na nossa formação histórica e cultural”. É urgente e necessário resgatar os saberes que foram soterrados pela colonialidade, não podemos aceitar que se perpetue um epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber que os/as estudantes têm dificuldades em se reconhecer como pessoas negras, pois ainda que sofram ataques racistas não se compreendem como

tal. É justamente para tratar deste resgate do reconhecimento histórico, identitário e ancestral que decidimos abordar o samba, propondo assim uma educação antirracista.

É primordial que nós, educadores/as venhamos a possibilitar experiências múltiplas aos estudantes enriquecendo o seu acervo cultural, possibilitando a construção de um pensamento crítico e libertador, e juntos/as construir uma pedagogia da oralidade na perspectiva inclusiva em que seja possível eles/as se reconhecerem e contarem suas próprias histórias e não os outros. Portanto, através de uma inspiração decolonial é possível propiciar uma educação antirracista. Inspiração, posto que, para viver uma prática pedagógica efetivamente decolonial é necessário antes derrubar o sistema capitalista moderno, que sustenta o colonialismo em diferentes esferas da vida. Na escola e na Educação Física escolar, também.

Apesar de tudo isso, percebemos que, apesar da resistência inicial com o tema, eles/as questionaram a sua realidade e o papel do Estado na garantia de seus direitos. Tais reflexões narradas aqui evidenciam a potência da Educação Física escolar ao diversificar os conteúdos e, especialmente nesse caso, tematizando o samba como conteúdo contra-hegemônico, na direção de uma perspectiva inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L.. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo/ Brasil: Pólen Livros, 2019.

AMORIM, J.; FONSECA, M.; BRITO, L. "Bruna fechou o gol hoje": o futebol como tecnologia sexopolítica na Educação Física escolar. **Revista Periferia**, v. 14, n. 1, p. 88-109, 2022.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Index Para a Inclusão. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Rio de Janeiro. Produzido pelo LAPEADE, 2012.

BRASIL. **Lei n. 11.645**, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: set/2022

CALOEIRO, G.; COELHO, C.; FONSECA, M. Projeto de Extensão Educação Física escolar na Perspectiva Inclusiva: Possibilidades no ensino remoto. **Temas em Educação Física escolar**, v.6, n.3, p. 1-17, 2021.

CARNEIRO, A, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Doutorado em Filosofia da Educação – FE/USP, São Paulo, 2005.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil** – A História que não se conta. 3ª ed., Campinas, SP: Papirus, 1988.

FONSECA, M. **Formação de professores de educação física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão**: reflexões sobre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FONSECA, M.; RAMOS, M. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. In: PONTES JUNIOR, J.A (Org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar** [livro eletrônico]. Fortaleza, CE: EdUECE, 2017, p. 184-208.

FONSECA, M.; PERES, M.; LUDOVINO, R. Lutas brasileiras no projeto de extensão educação física escolar na perspectiva inclusiva: desafios e problematizações. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2022.

FONSECA, M.; RODRIGUES, L.; OLIVEIRA, V.; MELO, L. Jogos africanos no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva. **Cadernos da Educação Básica**, v. 6, p. 1-17, 2021.

GONZALEZ, L. **Mulher negra. Mulherio**, São Paulo, ano I, nº 3, p. 4, 1981.

LIESA. **Roteiro dos desfiles**. Rio de Janeiro: Graffinn Editora, 2019

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAWAIA, B (Org.). **As artimanhas da Exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. Formação de professores como estratégia para realização do coensino. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.4, n. 1, p. 19-32, 2017 – Edição Especial.